

FILA BRASILEIRO - O CÃO BOIADEIRO

Uma espécie em extinção

Por Rodrigo P. Dolabella (*)

Com toda certeza o nome provem do verbo “filar”, cujo significado, segundo os léxicos, é “agarrar à força, prender, aferrar com as presas”, característica essa, tão marcante na raça, que justifica, plenamente, o uso do termo. Nos nossos sertões é o “cabeçudo, boiaheiro ou onheiro”, inextinguível guarda de rebanhos, de propriedades, conhecido e admirado por todos quantos palmilharam os interiores, notadamente em Minas Gerais ou Goiás.

Das numerosas raças caninas, internacionalmente reconhecidas, a Fila Brasileiro é a única eminentemente nacional e, mesmo codificada muito recentemente, expandiu-se com rapidez, principalmente na década de setenta, conseguindo, dia a dia, um número crescente de aficionados, inclusive na Europa, onde, na Alemanha, existe mesmo um “Clube do Molosso”, com algumas dezenas de criadores de Fila Brasileiro.

Não é possível determinar, com precisão, as origens da raça que, em um dado momento se consolidou em tipos semelhantes. Certamente, em sua ascendência, encontraremos o Bull Dog, o Old English Mastiff, o Bloodhound, para cá trazidos pelos nossos primeiros desbravadores. E o produto do cruzamento espontâneo e indiscriminado dessas raças foi submetido, ao longo quatrocentos, anos a uma rígida seleção natural no interior do país, resultando em um animal de características particulares, segundo as imposições do ambiente hostil e das rudes tarefas a que se destinava.

A migração da raça acompanhou o ciclo do gado, originando-se no Nordeste e fixando-se, definitiva e principalmente, em Minas Gerais, onde, ainda hoje, encontramos em fazendas o animal puro, sem registro no entanto, desempenhando o mesmo trabalho dos seus ancestrais.

Desde o início a sua destinação básica foi a guarda de rebanhos. Terá sido empregado, também, segundo alguns estudiosos, na captura de escravos fugitivos. De qualquer forma, importante é ressaltar que a raça se formou no sertão, longe das cidades, sob condições de sobrevivência extremamente severas e as mutações genéticas se deram a partir desse fator determinante.

Acompanhando boiadas durante meses e anos, o cão conviveu, unicamente, com o dono; procurou, na maioria das vezes, ele próprio, a sua alimentação; empenhou-se em combates mortais com animais selvagens e com a rês, desgarrada e bravia; afeiçoou-se fortemente ao peão, numa dependência mútua; aprendeu a desconfiar de estranhos, índio, branco ou negro, quase sempre um atacante em potencial; desenvolveu os sentidos, notadamente a audição; percebeu que latir denuncia a presença e passou a fazê-lo muito pouco; adquiriu uma estrutura forte e pesada, e, ainda assim, ágil, aumentando o impacto do ataque, sempre alto, visando aos pontos vitais.

Os que não possuíram uma dentada firme e poderosa e uma pele curtida e solta, certamente morreram em encontros com onças, queixadas ou chifrados pelo gado; os que permitiram que estranhos (certamente inimigos) se aproximassem, com certeza foram mortos ou abandonados ao lado do corpo moribundo do seu dono; os que não possuíram orelhas grandes e caídas, fixando-se como anteparos ao lado do focinho, (*) O Autor é advogado, produtor rural, ambientalista, estudioso e pesquisador da raça Fila Brasileiro; foi fundador, membro do quadro de árbitros e Diretor do Clube Mineiro de Criadores do Fila Brasileiro; membro da Cafib e representante do CMCFB no Conselho Federal do BKC. Titular do Canil Goiaca, especializado em Fila Brasileiro há 35 anos.

tiveram dificuldade para sentir o odor das pegadas ao rastrear a caça e morreram de inanição; os que não se afeiçoaram intensamente ao dono ficaram para trás na jornada do boi;

os que não tiveram uma estrutura forte e pesada e agilidade suficiente foram alcançados em pontos vitais ou não conseguiram dominar as feras ou subjugar o marruá crioulo; os que precisaram morder mais de uma vez, certamente não tiveram outra chance; os que não dirigiram seu ataque ao pescoço, ao focinho ou à cabeça da onça, do boi ou do bandido, também não sobreviveram ao combate. Enfim, os que não possuíram todas essas qualidades da raça pura que conhecemos, sucumbiram e não deixaram descendentes.

Assim, no embate duríssimo do ciclo do gado, sertão a dentro durante décadas e décadas, deu-se a adaptação do tipo às condições ambientes, numa extraordinária e infelizmente desconhecida epopéia da história pátria.

O homem em nada influiu quanto à fixação do tipo. A seleção foi, eminentemente, natural. Cada um dos caracteres físicos ou de temperamento foi produto de uma exigência vital. Portanto, a codificação da raça, feita há 50 ou 60 anos, não descreveu um indivíduo ideal ao qual se procuraria chegar através de cruzamentos planejados. Contrariamente, o tipo ideal já existia e bastou alinhar suas características e descrever seu fenótipo.

Diferentemente de outras raças de características fenotípicas já perfeitamente sedimentadas, (principalmente aquelas conseguidas segundo um planejamento de cruzamentos com vistas a um tipo ideal, como o doberman, por exemplo), o Fila apresenta algumas variações no fenótipo, conquanto com as mesmas características gerais. Assim, é quase impossível a um leigo distinguir um Doberman de outro (senão pela cor negra, marron ou azul), ou um Rottweiler, ou um Bloodhound.

O Fila é diferente: além da coloração (o que ocorre também com outras raças, como o Dog Alemão, o Pointer Inglês, etc), um Fila puro pode diferenciar-se, por exemplo, na proporção da cabeça, ou no peso, ou no tamanho, embora o padrão tenha estabelecido limites, excluindo os excessos, para uma melhor uniformização e fixação definitiva do tipo.

No entanto, tal não ocorre com o temperamento. Todo animal puro tem os mesmos caracteres, quais sejam, a completa docilidade e fidelidade ao dono e aos que o cercam, a total ojeriza a estranhos, a ferocidade, o ataque sempre alto, o latir muito pouco, a apurada audição, uma única e precisa pegada, o olhar vítreo no momento do ataque.

Como é, portanto, o Fila Brasileiro? Em traços muito gerais, segundo o padrão original, é um cão molossóide, de poderosa estrutura, retangular, com peso médio em torno dos 60 quilos; suas cores básicas são o amarelo, em todos os tons, o cinza claro e o rajado. Excluem-se os brancos, os pretos e os arlequins. A coloração dos olhos é amarela, seguindo o tom da pelagem e excluindo-se os olhos muito claros, azuis ou negros. A cabeça é grande, sem ser pesada, proporcional ao corpo, com mordedura em tesoura (admite-se a torquês) e dentes fortes; a pele é solta, curtida, o pêlo curto e há uma barbela dupla, bem desenvolvida, no sentido longitudinal; a garupa é mais alta que a cernelha e há, na linha vertical do omoplata, como que um ponto de dobradiça, permitindo ao animal, em combates ou em brincadeiras, uma torção sobre si mesmo, quase encostando a cabeça à garupa; o seu andar é gingado, jogando, ao mesmo tempo, ambas as pernas de um mesmo lado, para a frente e mantendo a cabeça ao nível ou abaixo da linha do dorso; este, conquanto em linha descendente da garupa, é firme e reto, até a junção com a linha ascendente do pescoço; a implantação das

(*) O Autor é advogado, produtor rural, ambientalista, estudioso e pesquisador da raça Fila Brasileiro; foi fundador, membro do quadro de árbitros e Diretor do Clube Mineiro de Criadores do Fila Brasileiro; membro da Cafib e representante do CMCFB no Conselho Federal do BKC. Titular do Canil Goiacã, especializado em Fila Brasileiro há 35 anos.

orelhas em descanso é abaixo da linha dos olhos (linha imaginária que parte do nariz, passa pelos olhos e se prolonga); a implantação da cauda também é baixa, indo esta até os jarretes, sem se enrolar; em posição de alerta a cauda se levanta, ficando em arco aberto sobre a garupa, sem jamais se enroscar; a comissura labial inferior é firme, encoberta pela superior e esta sobe, em arco (nunca em ângulo), sob a narina; o stop (depressão frontal), quase inexistente, é limitado, lateralmente, pelas arcadas superciliares, descendo suavemente do crânio e formando a linha superior do focinho; o occipital é, ligeiramente, saliente.

O Fila é dotado de valentia e coragem notáveis, não ocultando sua ojeriza a estranhos e a sua profunda afeição e fidelidade ao dono; é dócil com os que o cercam; late muito pouco e, antecedendo o ataque apenas rosna, ameaçadoramente; na lida com o gado a sua característica marcante é derrubar o boi, mordendo-lhe o focinho e mantendo-o imobilizado até a chegada do peão.

Como foi dito, a Fila Brasileiro é a única raça canina nacional, certamente, um patrimônio de inestimável valor pelas extraordinárias qualidades que a distinguem dentre as demais raças do grupo de cães de guarda. Pena que seja uma espécie em extinção!!!

De uns 20 ou 25 anos para cá, sob os olhares, no mínimo complacentes das autoridades, quer dos órgãos oficiais, quer dos clubes privados, ou sob a ignorância completa ou má fé de criadores inescrupulosos, a raça vem sendo, implacavelmente, mestiçada, com finalidade puramente comercial.

Assim, passou-se a introduzir sangue, notadamente, do Mastim Napolitano, do Dog Alemão e do Mastim Inglês, o que, ao invés de dotar o Fila de novas e maiores qualidades, antes destruiu ou colocou em risco as originais, nada acrescentando à raça, a não ser novas cores, mais tamanho e um temperamento fraco, covarde e perigoso.

Quiseram um fila com cabeça maior. Simples! Basta cruzar uma fêmea Fila com um Mastim Napolitano. O produto seria um Fila com cabeça grande; quiseram um Fila preto. Simples! Basta cruzar uma fêmea Fila com um Dog Alemão! Agora querem um Fila preto e com cabeça enorme. Simples! Basta cruzar o primeiro mestiço com o segundo.... E por aí foram, registrando, como puros, todos esses vira-latas bastardos. Havia e há canís (e eu presenciei isto, por inúmeras vezes) com dezenas de fêmeas Filas, um ou dois reprodutores Fila puros, vários Dog Alemão, vários Mastim Napolitano, vários Mastim Inglês e quantos mais reprodutores se necessitasse, de raças diversas, para imprimir ao “novo fila” as características desejadas. Todos os filhotes registrados como filhos dos Filas legítimos.

Interessante que um sinal de mestiçagem nunca vem só. Embora possam existir, como de fato existem, mestiços com um bom fenótipo, os sinais, por mais leves que sejam, sempre aparecem. Ora é a mordedura imperfeita, em prognatismo ou agnatismo; ora é a coloração dos olhos; por vez é a comissura labial fechando em angulo sob o nariz; de outra feita é a curvatura da cauda muito acentuada ou tendendo a enroscar-se; ou a barbeta em sentido transversal, como um colar; ou a linha de dorso horizontal, etc, etc. De qualquer forma, a dúvida é sempre tirada pelos genótipos: os produtos de mestiços sempre terão as características da mestiçagem. Pior quando a mestiçagem altera, profundamente, o temperamento, e é o caso mais comum. Então, é o desastre completo, pondo em risco o dono, pela covardia, pela mansidão, pela apatia e pela traição. Ou terceiros, por uma ferocidade incontida, produto da insegurança ou da covardia, no mais das vezes.

(*) O Autor é advogado, produtor rural, ambientalista, estudioso e pesquisador da raça Fila Brasileiro; foi fundador, membro do quadro de árbitros e Diretor do Clube Mineiro de Criadores do Fila Brasileiro; membro da Cafib e representante do CMCFB no Conselho Federal do BKC. Titular do Canil Goiacã, especializado em Fila Brasileiro há 35 anos.

Ocorre que a genética é coisa séria demais para ser tratada com tanta ligeireza. Se mudou a cor do fila, mudaram também outras características insuspeitadas e os 400 anos de seleção natural foram por água abaixo.

Não é difícil entender essa questão. Sem qualquer pretensão científica e muito superficialmente, basta lembrarmos que os seres vivos, em geral, são produtos de um cruzamento onde os genes do macho e da fêmea se combinam para resultar no filho. Assim, este será formado, em cada detalhe, por um par de genes, um paterno, outro materno.

Quando ambos os genes são idênticos para um mesmo detalhe (homozigose), não há conflito e a cria nascerá com aquela característica; quando, no entanto, os genes do pai e da mãe são diferentes para um mesmo detalhe (heterozigose), um deles prevalecerá e o filho nascerá com a característica desse gene dominante. No entanto, o gene mais fraco, recessivo, estará presente nas suas células germinativas e se manifestará nos seus produtos, em determinadas proporções. Dessa forma, um indivíduo poderá ser “puro” para determinados fatores e “híbrido” para outros. Assim, se cruzarmos dois animais “puros” para uma determinada característica, todos os produtos irão nascer com aquela característica, porque terão herdado genes iguais. Por exemplo, cruzando macho e fêmea homozigóticos para a cor amarela, todos os filhotes serão amarelos. Os fatores homozigóticos são sempre dominantes e, se combinados com um fator heterozigótico, produzirão um número maior de descendentes com aquela característica própria.

Dessa forma, se cruzarmos um Fila puro, portanto homozigótico em todas as suas características, com um cão, também puro, embora de outra raça, nascerão filhotes semelhantes ao Fila, da mesma forma que nascerão filhotes semelhantes à outra raça e alguns outros claramente mestiços. No entanto, conquanto parecidos com o Fila puro, ou com a outra raça, esses filhotes híbridos terão genes heterozigóticos e as características da outra raça se manifestarão em suas crias.

Agora já se pode perceber que não é possível escolher apenas determinados genes para compor um indivíduo, como se fôra uma receita culinária. “Neste cruzamento de Fila puro com Dog Alemão, vou escolher, do Dog, apenas os genes para a cor preta e, todos os demais serão os do Fila; assim, teremos um Fila puro de cor preta”. Infelizmente não é assim tão simples e a brincadeira com a natureza (como, aliás, todas elas), produziu uma catástrofe ecológica de amplas consequências: a quase extinção da raça!

Para o neófito, aquele que ouviu falar da raça e deseja um cão de guarda por excelência, a decepção é enorme. Adquire o filhotinho, pagando caro; cria-o com todo cuidado e carinho, mal se apercebendo de que aquelas malhas brancas, que são lindas e admiradas por todos, ou aquela papada em colar ou aquela cauda em enrosco tornam o seu “fila” um vira-latas qualquer. A valentia e a coragem, típicas da raça, transformam-se em apatia e em covardia e, pior que tudo, a ferocidade com estranhos transmuda-se em ataques traiçoeiros ao dono. Se o gatuno transpõe o muro à noite, o “fila” enorme vem cheirar-lhe os sapatos e aponta-lhe a porta da casa; quando muito, fica latindo, pachorrentamente, sem sair do lugar.

E' grave que essa mestiçagem indiscriminada, esse crime de lesa-pátria, foi e vem sendo feito às claras. O BKC (Brasil Kennel Club), responsável direto pela cinofilia nacional, chegou a alterar o padrão oficial da raça, tendo o mestiço como fenótipo. E passou a formar árbitros segundo o novo padrão! Pudera! Alguns “geneticistas”

(*) O Autor é advogado, produtor rural, ambientalista, estudioso e pesquisador da raça Fila Brasileiro; foi fundador, membro do quadro de árbitros e Diretor do Clube Mineiro de Criadores do Fila Brasileiro; membro da Cafib e representante do CMCFB no Conselho Federal do BKC. Titular do Canil Goiaçã, especializado em Fila Brasileiro há 35 anos.

estavam diretamente ligados à Diretoria do BKC. E o interesse econômico era enorme.

Mas o leitor há de perguntar: porque mestiçaram a raça? A história seria cômica se não fôsse trágica. Digamos que na década de 60, poucos, muito poucos, eram os criadores do Fila Puro. Embora nacional, era uma raça, praticamente desconhecida. Nas exposições, no máximo um ou dois criadores. Aqui em Minas, os Canís Jaguará, Goiacã, Sobrado e um ou outro mais. Em Santos - SP, o Dr Paulo Santos Cruz, codificador da raça. No Rio de Janeiro, em São Paulo ou Goiás, um ou outro canil. Enfim, podia-se contar nos dedos o número de criadores por aquela época, conquanto o Fila estivesse espalhado em fazendas por esses sertões do Brasil a fora, notadamente, como já dito, em Minas Gerais e em Goiás.

Ouvia-se falar muito em Fila Brasileiro, em “Cabeçudo”, cão de guarda muito feroz, enorme. Mas o animal, quase desconhecido, despertava a curiosidade geral. A partir de meados de 1970, talvez, criadores do Rio e São Paulo, notadamente, interessaram-se pelo Fila. E, sendo a raça nacional, com padrão recente, passaram a imaginar novas características para o animal. Certamente não teriam tido a ousadia de fazer o mesmo com raças estrangeiras. É bem possível que tenha havido, até mesmo, boas intenções. Mas, se se dispunham a fazer experiências genéticas, então, que não se registrassem os produtos assim obtidos, sem uma prévia e rigorosa análise, ou que se separassem esses produtos, dando-se um registro provisório e anotando nos “pedigrees” os cruzamentos realizados. A raça pura seria assim resguardada e, quem sabe, poder-se-ia, até mesmo, obter uma nova raça canina nacional. Esse é o procedimento correto. É o que se faz, por exemplo, com outros animais (porcos, bois ou cavalos), buscando-se a melhoria do plantel, sempre sob a supervisão de entidades sérias e responsáveis. Nada disso se fez com o Fila, cujo único pecado foi o de ser brasileiro!!!. E aí é que vem o crime, a fraude. Esses híbridos foram, todos eles, registrados como Fila Puro e assim vendidos.

O Fila Brasileiro puro é um animal tido como bravíssimo. Poucos, como o dissemos, se atreviam cria-lo. Mas, os que assim o faziam conheciam muito bem a raça e sabiam da fidelidade e da docilidade do cão aos que o cercavam. Jamais se registrou um ataque de Fila puro ao dono. Ao estranho, sim! No entanto, é um animal bonito, que impõe respeito pelo porte. Então, porque não torna-lo manso e sociável? Cachorro de companhia, capaz de acompanhar a madame às compras. Todavia, talvez não sejam o tamanho e a estrutura do Fila as suas mais importantes características. Ele se distingue pelo temperamento! Destemido, corajoso, valente, feroz com estranhos e, absolutamente apegado aos que o criam e dele cuidam. É herança genética, resultado de centenas de anos de seleção natural, tendo apenas por companheiro o peão, numa interdependência completa!!!

Mas, o mercado de Fila puro sempre foi muito pequeno. Medo dos desinformados, alimentado, mais ainda, pelos mestiçadores. Surgiu, finalmente, o “Fila” social. Que grande vitória sobre a seleção natural que nada entende de madames! Por isso, o “Fila” passou a ser o cão da moda, encontrado passeando, tranqüilamente, nas praças, nos supermercados, nas praias, puxado por uma coleirinha de Poodle ou de Lulú da Pomerania, nas mãos de uma criança ou de uma senhora grã fina. E o Fila puro, cada vez mais desprezado, mais difícil de se encontrar e tido nas exposições oficiais como o verdadeiro mestiço!!!

Não é de se espantar. Outra raça nacional, excepcionalmente qualificada pelo olfato extraordinário, o Rastreador, conseguida através de seleção genética pelo Dr Osvaldo Aranha, do Rio Grande do Sul, foi, a pedido do seu próprio filho, em reunião do Conselho Federal do BKC, da qual participei como testemunha ocular, desconsiderada (*) O Autor é advogado, produtor rural, ambientalista, estudioso e pesquisador da raça Fila Brasileiro; foi fundador, membro do quadro de árbitros e Diretor do Clube Mineiro de Criadores do Fila Brasileiro; membro da Cafib e representante do CMCFB no Conselho Federal do BKC. Titular do Canil Goiacã, especializado em Fila Brasileiro há 35 anos.

como raça, pela mestiçagem indiscriminada que a assolou.

Pelo visto, e felizmente, a “moda” do “Fila” está passando. Parece que o público (que pode ser enganado por muito tempo, mas não por todo o tempo), conquanto desconhecendo essa história, chegou, por si próprio, à conclusão de que o “Fila” não era, exatamente, o que se dizia dele. Não era um cão de guarda nem de trabalho; não era dócil nem fiel; não era valente nem feroz. Acabou como um paspalhão indolente e imprestável, incapaz de retribuir com as qualidades que dele se esperava, os gastos com a sua criação.

Lá pelo início da década de 80, quando já não era possível esconder a mestiçagem, um grupo de criadores de Minas Gerais, depois seguido por São Paulo e Goiás, resolveu arregaçar as mangas e brigar pela preservação da raça pura. Foi criado, em Minas, o Clube Mineiro de Criadores do Fila Brasileiro e, num encontro nacional, foi criada a Comissão de Aprimoramento do Fila Brasileiro - CAFIB, depois transformada em Clube, com sede em São Paulo. Também foi criado o Clube Goiano de Criadores de Fila.

Esse grupo original, com adesão de diversos criadores desses e outros estados, lutou enquanto pôde. Retornou-se ao padrão original da raça, criou-se um “pedigree” próprio, foram desconsiderados os Certificados de Registro dos mestiços emitidos pelo BKC, introduziu-se a obrigatoriedade das provas genóticas (avaliação das ninhadas), foram promovidas inúmeras exposições para avaliação dos fenótipos, ministraram-se cursos para a formação de árbitros, etc,etc. Entretanto, não foi possível suportar a pressão, o poder econômico e a força da mídia. Não se conseguiu suplantar os profissionais da mestiçagem, acobertados pelo BKC. E o grupo se desfez.

Qual é a atual situação da raça no Brasil? Certamente existem exemplares puros e daquele grupo de idealistas, alguns devem ter conseguido, senão ampliar, pelo menos manter linhagens puras. Seria necessário recomençar o mesmo trabalho iniciado nos anos 80, reunindo os aficcionados, impondo as mesmas diretrizes, selecionando exemplares, analisando fenótipos e genótipos, excluindo os mestiços, invalidando todos os Certificados de Registro existentes e emitindo novos para aqueles animais aprovados segundo sua morfologia e sua progênie. E, paralelamente a isso, obter o apoio das autoridades, inclusive criando uma legislação nacional de proteção da raça, a exemplo de outros países e, nunca é demais dizer, simpatia e adesão da mídia, para divulgação da raça pura e do trabalho a ser desenvolvido.

Finalmente, é preciso ressaltar e entender que esse não é um problema de criadores e amantes da raça pura. É um problema de todos nós, brasileiros, na medida em que consideramos o Fila um tesouro genético, único e inigualável, verdadeiro patrimônio nacional, ameaçado pelos interesses econômicos de um grupo de criminosos. E esse tesouro vem sendo, impiedosamente dilapidado, sem qualquer providencia dos responsáveis, num País de tão combatidas tradições!!! Mas ainda há tempo de resgatá-lo!

(*) O Autor é advogado, produtor rural, ambientalista, estudioso e pesquisador da raça Fila Brasileiro; foi fundador, membro do quadro de árbitros e Diretor do Clube Mineiro de Criadores do Fila Brasileiro; membro da Cafib e representante do CMCFB no Conselho Federal do BKC. Titular do Canil Goiacã, especializado em Fila Brasileiro há 35 anos.

(*) O Autor é advogado, produtor rural, ambientalista, estudioso e pesquisador da raça Fila Brasileiro; foi fundador, membro do quadro de árbitros e Diretor do Clube Mineiro de Criadores do Fila Brasileiro; membro da Cafib e representante do CMCFB no Conselho Federal do BKC. Titular do Canil Goiacã, especializado em Fila Brasileiro há 35 anos.